

As Consequências do Crack¹

Camila França FONTES²

Bruna Alves TEIXEIRA³

Luiz WITIUK⁴

Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Se ora ser não branca e mulher, ora estar usuária do crack e moradora em situação de rua atribuem à Silvana uma situação ainda mais intensa de vulnerabilidade social. Entre as ruas de centros urbanos e estando amplamente disponível em locais públicos, o crack tem causado consequências graves aos seus usuário. Este trabalho tem como objetivo esclarecer a construção de uma reportagem, produzida para a disciplina de Radiojornalismo II, que conta a história de uma mulher que compartilhou um recorte de seu drama ao conceber uma criança viciada em uma substância psicoativa.

PALAVRAS-CHAVE: crack; consequências; gestação; mulher; radiojornalismo.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil abriga 370 mil usuários regulares de crack (e/ou similares⁵), de acordo com o último levantamento sobre o assunto da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) para a Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) em 2013. Essa estimativa é encontrada nas capitais do país e no Distrito Federal, e corresponde a 35% dos consumidores de drogas ilícitas. O sul, por exemplo, condiz com o consumo de 52% de todas as drogas ilícitas consumidas nas capitais. 80% dos consumidores dessa substância a utiliza em espaços públicos. 80%, também, são considerados "não brancos". Entre as mulheres, 30% delas já fizeram sexo para obter a droga e 10% admitiu que estavam grávidas.

Além de dar luz a essa história, a reportagem também foi buscar dados sobre casas de acolhimento que recuperam os "filhos do crack". Conforme o último levantamento do

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Radiojornalismo (avulso).

² Aluna líder do grupo e estudante do 4º. Ano do Curso de Jornalismo, email: camila.franca@tvei.com.br.

³ Estudante do 4º. Ano do Curso de Jornalismo, email: brunalvesteixeira@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: luizwitiuk@gmail.com.

⁵ O uso de pasta-base, merla e oxi, que, assim como o crack, são consumidos em cachimbos, latas e copos, ou em outros aparatos similares.

Conselho Nacional do Ministério Público (2013) - CNMP, os principais motivos para o acolhimento das instituições, imputa negligência (80%), dependência química/alcoolismo (80%) ou abandono (77%) dos pais e/ou responsável. Hoje, há o registro de 46 mil crianças vivendo em abrigos, de acordo com a mesma tabulação.

O fio condutor da reportagem "As consequências do crack" produzida para a disciplina de Radiojornalismo II, é o relato de uma mulher que vive na Praça Rui Barbosa, no centro de Curitiba-PR.

Como meio de comunicação popular e importante na propagação da informação, o rádio destaca-se pela capacidade de transmitir as notícias de forma imediata e em linguagem simples.

Mário de Andrade (2005) afirma que o rádio tem a sua linguagem como forma de expressão. Nesse sentido, Balsebre (2000) enfatiza a importância que o rádio se dá ao monólogo verbal, no rádio informativo, em detrimento de outras formas expressivas e ricas (músicas, efeitos sonoros, silêncio) da linguagem radiofônica. O rádio mantém uma profunda relação com o espaço social mais próximo, preocupa-se com o entorno, e busca situar-se nele; promove a inter-relação de espaços a partir do local; cria um pulsar rítmico do cotidiano, sincronizando pelo tempo as atividades de uma comunidade (MENEZES, 2007 apud GOLIN, Silva. 2007. p.2).

2 OBJETIVO

- Produzir uma narrativa para o rádio, levando em consideração que ele é uma ferramenta eficaz de informação.
- Aprofundar de forma objetiva o tema apresentado e explorar os recursos audíveis.
- Aplicar o conhecimento teórico adquirido ao longo da graduação, compreendendo a importância da apuração, da técnica jornalística, da psicologia, sociologia, etc, somando a prática afim de ter como resultado um produto de relevante.
- Conversar com outras áreas e ampliar o debate sobre o tema, como a medicina, as entidades sociais governamentais do assunto.
- Permitir aos alunos a experiência de atuar como pauteiro, repórter, editor e entender quais as etapas para a construção de uma narrativa radiofônica.

3 JUSTIFICATIVA

O crack tem causado as consequências mais nefastas em nossa sociedade dentre as substâncias entorpecentes, é o que afirmou o até então Presidente do Conselho Nacional de Justiça, Ministro Cezar Peluso. Ele atinge grave e diretamente, segundo Brasil (2011), a saúde física e mental dos seus usuários, além de debilitar laços familiares e relações sociais. "Tal desafio encontra barreiras históricas e exige união de esforços entre a sociedade e o Estado em torno de consensos mínimos que contribuam para a elevação da qualidade de vida dos cidadãos", (Brasil, 2011, p.4). Com alto poder lesivo, a droga coloca em risco milhares de crianças e adolescentes. Se ora vivemos a era das informações, ora o escopo pedagógico ganha cada vez mais relevância, a Cartilha sobre o crack afirma que a melhor prevenção contra as drogas é a informação.

A prevenção passa por toda a sociedade, nela incluídas escolas, famílias, poder público, organizações não governamentais, etc. O uso de crack, no Brasil, vem crescendo de modo avassalador. Vale lembrar que o álcool e o tabaco também são largamente utilizados por crianças e adolescentes. Entre estes, aqueles que são moradores de rua, vivenciam agravos relativos ao uso, não só físicos, como psíquicos e sociais. (CALMON, in BRASIL, 2011, p.6)

Vivemos hoje em uma sociedade multimidiática, disserta Lopes (2011), com inúmeros canais de comunicação. Manuel Castells (1999), sobre a era da informação, afirma que não são os meios de comunicação os detentores do poder, embora emane contemporaneamente a troca de informações e de manipulação de símbolos "que estabelecem relações entre atores sociais, instituições e movimentos culturais". (CASTELLS, 1999, p.424).

No documento das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's), Melo (2009) descreve isso como um diagnóstico de um mundo caracterizado pela capacidade discursiva das organizações e dos cidadãos. O mesmo autor também afirma que as armas da linguagem, os suportes da tecnologia e os valores da democracia, os novos fatores públicos, entes institucionais, apropriaram-se dos meios para agirem no mundo. Agir no mundo não significa mudá-lo, mas informá-lo.

Reafirmando o jornalismo como uma atividade intelectual e criativa, Traquina (2002) afirma que o principal papel em informar é a liberdade democrática de reportar e opinar, reforçando a máxima de que o jornalista é um contador de histórias, e essa foi a premissa principal na construção da reportagem "As consequências do crack" para a disciplina de Radiojornalismo II.

O fazer jornalístico, para Neto (2009), coloca em evidência as representações sociais que podem ser legitimadas através da mídia, passando a ter uma influência que não pode ser desprezada nas relações sociais. Lage (1998) também aborda a reconstrução da realidade na mídia.

produzir uma narrativa sobre a realidade é: a) selecionar fatos e ordená-los em sequência, atribuindo sentido aos acontecimentos; b) escolher qualidades e categoriais dos personagens e ambientes, de modo a caracterizá-los; c) produzir funções que estabeleçam o diálogo com o consumidor da mensagem. (LAGE, 1998, p.96)

Ou seja, partir de critérios que justifiquem a construção de uma narrativa. Eles, ainda segundo Lage, não podem ser outros se não baseados no momento histórico de quem faz - seus valores, preferências ou interesses.

O rádio possui uma linguagem temporal, de acordo com Golin (2007) e mantém um vínculo visceral com a cidade. Reflete sua sonoridade, funciona como um relógio das rotinas diárias. Os manuais recomendam que a pauta privilegie temas próximos, com critério de relevância, porque nesse sentido, ainda segundo a autora, o rádio tenha a possibilidade de ser um espelho da cidade, traduzindo a linguagem e o ritmo cotidiano. Ao abordar a moradora em situação de rua, vários problemas sociais encontrados no centro urbano são evidenciados.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A proposta da disciplina de Radiojornalismo II era criar uma reportagem de fôlego, com narrativa livre e não factual.

"Good sources are the lifeblood of journalism"⁶, afirma White (2015). De acordo com o jornalista, se não houvessem pessoas dispostas a falar conosco, o jornalismo não iria sobreviver. Para ele, os melhores repórteres sabem que eles são apenas tão bons quanto suas fontes. Para produção de uma reportagem objetiva e consistente, a junção da fala se especialistas, evidência que a situação de Silvana é um problema que envolve várias áreas, tirando das estatísticas um número e transformando em uma história plural. Personagens tornam as histórias mais verossímeis que apenas dados, a junção dos dois, pode permitir que a informação seja mais eficiente.

Além da personagem que dá vida a reportagem e das fontes competentes da área da saúde física, mental e assistência social, foi agregado a narrativa ao uso do *off* que descreve cenas e apresenta dados oficiais, para complementar e amarrar a história. Recursos de edição também foram inseridos, como forma de instigar a imaginação do ouvinte.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Eliane Brum (2015) afirmou em sua coluna no jornal *El País* que no Brasil atual, pra ter legitimidade não basta falar sobre o outro, é preciso falar com o outro. O ato de ir para a rua e conversar com pessoas é desenvolver técnicas de apuração. O faro jornalístico te diz o que é a notícia. No coração de Curitiba, foi percebido uma história que deveria ser contada.

Ao abordar nossa personagem, Silvana aceitou conversar com a equipe, mas pediu pra não ser identificada. Ela aparece configurada como personagem porque sua voz é clara. Caputo (2006) listou ações que não se pode esquecer de fazer ao realizar uma entrevista. De acordo com a autora, ao gravar ou fotografar, o entrevistador deve pedir permissão a fonte. "Se a fonte não quiser ser identificada, nem fotografada, perguntamos o por que e respeitamos". (CAPUTO, Stela Guedes. 2006. p.60). É reconhecido, pela consciência do ofício, o direito do jornalista manter sigilo de suas fontes, disserta Lage (2004). De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiro, da conduta profissional do jornalista, no capítulo 2, Art. 6º, como dever do jornalista "II) divulgar os fatos e as informações de

⁶ Tradução livre: boas fontes são o sangue da vida do jornalismo.

interesse público; [...] VIII) respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”. (FENAJ, 2007, s/n).

A abertura da reportagem já traz o recorte da história da personagem, com uma trilha carregada para prender a atenção de quem escuta. Cada acontecimento em seu relato é separado por um respiro, espaço em que a trilha sobe, para dar tempo do ouvinte digerir o peso do relato. Após essa abertura, o *off* apresenta dados oficiais de âmbito nacional, trazendo a estimativa da quantidade de moradores em situação de rua no país e a realidade do crack. Após isso, a fonte institucional, segundo Schmitz (2011), caracterizada pela assistente social, com sua perspectiva sobre a experiências diária de trabalhar com quem vive nas ruas.

Quando o assunto é a dependência, entra a fala de uma especialista, a psiquiatra, que define o que é o crack e os efeitos no organismo de um usuário. Outra fonte especializada aparece, que é a voz da obstetra, consolidando a realidade das gestantes usuárias do crack, além disso, ela também explica os problemas de desenvolvimento que essa criança irá sofrer. Para fechar a reportagem, dados do Conselho Nacional do Ministério Público, abrangem mais dados nacionais sobre casas de acolhimento, local para onde vão as crianças que passam por esse tipo de situação.

Todos os procedimentos buscaram a objetividade e sensibilizar quem ouve a história. Além disso, o objetivo da trilha sonora é instigar a atenção do ouvinte em relação ao que está sendo contado.

6 CONSIDERAÇÕES

Mais do que contar a história de Silvana, essa reportagem possibilitou aos alunos sair da zona de conforto e dialogar com outras áreas, mostrando e entendendo que a personagem não representa apenas um problema social, mas um problema de saúde que assola o país, de norte a sul. Além disso, mostrou aos alunos a importância de ir para a rua buscar histórias e conversar com pessoas.

Arriscar trabalhar com vulnerabilidade social, é também ser ético e responsável ao ter um depoimento como esse em mãos e transformá-lo em uma narrativa radiofônica, o

desafio aqui foi contar uma história, instigando a imaginação do ouvinte, de forma que o produto o envolva e sensibilize, na linha tênue que separa esse objetivo do sensacionalismo.

Em Radiojornalismo II, mais do que a liberdade para construir uma narrativa, a proposta era contar uma história, compreendendo que a linguagem na rádio é simples, mas não rasa. Ele serve como ferramenta informativa que funciona como espelho da cidade. A cada história, o jornalismo tem como essência não mudar o mundo, mas informá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. A língua radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo. Teorias do rádio. Florianópolis: Insular, 2005.

BALSEBRE, Armand. El lenguaje radiofónico. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça: Cartilha sobre o crack. 2011. Disponível em <<http://goo.gl/3VSeue>>. Acesso em: 15/04/2016.

BRUM, Eliane. “**Mãe, onde dormem as pessoas marrons?**”. 2015. Disponível em <<http://goo.gl/wMVBUE>> Acesso em: 18/04/2016.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

Conselho Nacional do Ministério Público. Relatório da Infância e Juventude – Resolução nº 71/2011: **Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no País**. Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público, 2013. Disponível em <<http://goo.gl/DQsrj2>> acesso em <18/04/2016>

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em <<http://goo.gl/Z06FYG>> Acesso em: 19/04/2016.

GOLIN, Silva. A expressão radiofônica de uma cartografia sonora: estudo de série porto alegre, passagens sonoras. 2007. Disponível em <<http://goo.gl/pIzR0c>> Acesso em: 20/04/2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 4º ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LAGE, Nilson. **Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente.** Petrópolis: Vozes, 1998.

LOPES, Fernanda Lima. **Jornalismo e suas crises: um olhar sobre as questões da tecnologia, do emprego e do diploma no Brasil.** Lisboa: Portugal. 2011.

MELO, José Marques de. **O campo da comunicação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2008

NETO, João Somma. **Comunicação: reflexões, experiências, ensino; Revista dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda.** Curitiba: Universidade Positivo. 2009.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo.** Florianópolis: Combook, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo.** Volume 2 - A tribo jornalística. Florianópolis: Insular, 2002.

WHITE, Aidan. **Ethics at Source: Protecting the People Behind the Stories That Keep Journalism Alive.** 2015. Disponível em <<http://goo.gl/FkfZwI>> acesso em <18/04/16>